



AS RAZÕES DE NOSSA MISSÃO HOJE

Correlações entre o quadro religioso brasileiro atual e as indicações evangelizadoras das futuras DGAE

INAPAZ¹

1. O tema central de nossa próxima assembleia geral diz respeito às Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Em razão do sínodo sobre a sinodalidade, a Assembleia Geral optou por prorrogar as diretrizes que venceriam em 2023. Agora, portanto, é tempo de recolher as conclusões do sínodo e integrá-las com o caminhar da Igreja no Brasil, com atenção aos resultados religiosos do Censo 2022. Com grande paciência e perícia, a equipe responsável pela redação da proposta para as futuras DGAE tem procurado ouvir as contribuições que lhe chegam, empenhando-se em as compreender e acolher, de modo que o texto levado à próxima Assembleia Geral seja reflexo da rica diversidade que se faz presente na Igreja em nosso país. É, portanto, como resultado deste esforço que, em termos de prioridades pastorais, somos convidados a refletir sobre quatro *caminhos para a missão*, a saber: animação bíblica da pastoral, iniciação à vida cristã, comunidades de discípulos missionários, liturgia e piedade popular e serviço à vida plena para todos. Para esta reflexão, o INAPAZ propõe recordar as principais reflexões realizadas até o momento no atual quadriênio e buscar **a conexão entre as indicações das futuras DGAE e o quadro religioso brasileiro atual**, indagando até que ponto o que nos está sendo proposto corresponde ao que o Brasil está vivenciando em termos religiosos, com especial atenção, por certo, ao catolicismo.

¹ A equipe do INAPAZ é atualmente composta por D. Joel Portella Amado, D. Wellington Queiróz, D. Jânison de Sá Santos, Pe. Abimar Oliveira de Moraes, Pe. André Márcio Nogueira de Souza, Pe. Danilo Pinto dos Santos, Pe. Douglas Alves Fontes, Pe. Marcelo Batalioto, Pe. Marcial Maçaneiro, Sra. Maria Inês Castro Millen, Srta. Mariana Venâncio, Irmã Sueli Cruz e Pe. Waldecir Gonzaga.





O ethos religioso brasileiro atual e seu desafio

2. Como tanto insistido nas análises de conjuntura eclesial apresentadas ao longo deste quadriênio, a realidade religiosa do Brasil vem assumindo contornos que desafiam o modo como a ação evangelizadora está habituada a se desenvolver. Vivemos em um Brasil religiosamente cada vez mais plural, com alto grau de mobilidade religiosa, crescente individualização do ato de crer e conseqüente enfraquecimento da dimensão institucional para a vivência religiosa, tudo isso se tornando terreno fértil para sínteses religiosas aleatórias, criativas e mutantes. Esse contexto, que não é apenas brasileiro, na verdade mundial, atinge nosso país gerando mudanças em tradicionais experiências religiosas, inclusive nas vertentes com maior expressão e tradição. O Censo 2022 confirmou a permanência da tendência de decréscimo no número de católicos e o aumento dos evangélicos, porém, num ritmo bem menor do que previam diversas estimativas. Destacou ainda a categoria dos sem-religião, especialmente entre os jovens. Estas não são as únicas características do fenômeno religioso vivenciado em nosso país. São, entretanto, as que predominam e permanecem atuando e desafiando nosso discernimento e nossa criatividade pastoral, ainda que nem sempre sejam aceitas, em especial por quem está no front pastoral. Este front tende a considerar mais o que percebe no imediato de sua ação, no caso, a sensação que decorre de igrejas cheias e números algumas vezes altos nas redes sociais, com respostas rápidas em especial no que diz respeito às práticas devocionais surgidas nos últimos anos. Em conseqüência, tende-se a não reconhecer as mudanças no horizonte religioso do país, as quais, não deixando de manter práticas religiosas, atribui a elas significados diferentes.
3. É por isso que, em análises anteriores o INAPAZ tem insistido tanto que estamos diante de um *novo ethos religioso brasileiro*, ou seja, um modo específico de





lidar com a religião. Não se trata de rejeição pura e simples da prática religiosa, mas do modo como essa prática ocorre, do conteúdo que lhes é atribuído, de quem é o seu efetivo critério de regulação e quais as consequências para a vida pessoal, grupal e social. Esse jeito de lidar com a dimensão religiosa não significou um abandono da mesma, mas uma reconfiguração, com o reposicionamento de algumas características que, em contexto diferente, vivenciado há não tanto tempo, possuíam incidência distinta da que observamos atualmente. Em termos resumidos, a experiência religiosa no mundo de hoje, pelo menos no mundo ocidental e, portanto, no Brasil, vem marcada, como já indicado, por forte individualização, pluralidade, mobilidade e porosidade. Além disso, mesmo as maiores religiões, como é o caso do catolicismo, têm experimentado transformações em sua compreensão e, por consequência, em sua incidência ético-existencial. Um dos fenômenos mais interessantes a desafiar a interpretação é o fato de, em nossos dias, não ser mais a religião a iluminar, por exemplo, as escolhas políticas, mas, ao contrário, o fato de alguém se identificar com esta ou aquela tendência político-sociais é que tem mostrado postura avaliadora e judicante das práticas religiosas. A divisão, recentemente chamada de polarização, acaba se tornando mais forte que a vocação à fraternidade inerente ao Evangelho. Outro fenômeno crescente no Brasil dos últimos anos é o que, em análise de conjuntura eclesial anterior, se denominou *espiritualidade do combate*. Nela, o mundo é visto em chave fortemente binária, “nós contra eles”, fazendo surgir uma espiritualidade onde o diferente é inimigo, pecador que merece ser combatido também espiritualmente. Um terceiro fenômeno é o dos já mencionados sem-religião, isto é, daquelas pessoas que não apresentam dificuldade em crer em Deus, mas não aceitam conectar este crer com alguma instituição ou proposta única. Os sem-religião creem em Deus, tenha esse crer a origem ou o conteúdo que tiver. Só não





integram esse crer com o ato de pertencer ². Pelo contrário, tendem a se desvincular de qualquer instância reguladora do ato de crer que não sejam eles mesmos, isto é, que não sejam o próprio indivíduo, cuja identidade já não tem mais sua origem nas tradições familiares, sociais e religiosas (DAp 39). Estes três exemplos não esgotam a compreensão da realidade religiosa brasileira, mas são paradigmáticos de um cenário cuja compreensão nos interpela diuturnamente.

4. Essa transformação da realidade traz forte questionamento ao nosso jeito de fazer pastoral. Relativiza a pastoral de conservação ou manutenção e mostra que o compromisso socioambiental transformador já não tem mais o fôlego de décadas atrás. Faz, como também insistido em análises anteriores, emergir um perfil devocionista, no qual a piedade popular vai lentamente recebendo novos conteúdos e novas formas, algumas das quais, por certo, recuperadas da história do cristianismo e fundamentadas na Escritura, porém ressignificadas ³. Diante, pois, dessas tendências da ação evangelizadora em nosso país, emergem algumas perguntas que têm sido norteadoras das análises de conjuntura no atual quadriênio. Delas, a primeira diz respeito a serem esses três modelos os únicos que temos a apresentar. O que fazer diante da sensação de que, embora estejamos trabalhando pastoralmente à exaustão, não estamos conseguindo incidir suficientemente sobre o modo como o brasileiro e a brasileira compreendem a vida e lidam com o sentido da existência? Estaríamos anestesiados diante do risco de estarmos sofrendo incidência maior de um contexto individualizado, polarizado e predominantemente consumista e belicoso, do que, ao contrário, sermos

² **DAVIE**, Grace. *Religion in Britain Since 1945: Believing Without Belonging*. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

³ **INAPAZ**, Do descompasso à missão, à comunidade e à iniciação. Análise de Conjuntura Eclesial apresentada durante a 61ª AGO, 2024





incidência na fidelidade a uma Igreja que é sacramento do Reino, sal, luz e fermento? Teremos nós, conscientemente ou não, caído no frenesi da busca por likes e seguidores, submetendo-nos, portanto, às lógicas dos números e das adesões que, assim como chegam, ainda mais rapidamente se vão? Não estaríamos tão marcados pelo imediato pastoral, que já não percebemos que o atual período traz às nossas portas e deixa se assentar em nossas salas e templos, **uma crise de muitas vertentes, dentre as quais as que se referem à transmissão da fé, ao pertencimento, à fraternidade e ao compromisso socioambiental transformador**? Sem essas questões, será mais difícil levarmos a efeito o desafio do discernimento de um caminhar evangelizador ao mesmo tempo fiel ao evangelho e apto a dialogar com a realidade que está diante de nós. O critério numérico é importante, pois, no âmbito religioso, busca por qualidade que não se transforma em quantidade, tende a gerar guetos de autoconsiderados puros, intocáveis e não incidentes. Com isso, o fermento e o sal correm o forte risco de perder vigor e sabor.

Um caminhar que recolhe duas décadas de olhar pastoral

5. Esse é o contexto que faz com que, nas últimas duas décadas, as DGAE tenham se preocupado em priorizar alguns aspectos que, tendo obtido maior compreensão e até mesmo ganhado outros nomes, permanecem presentes, pois ligam-se às questões acima referidas. Foi assim que durante dois quadriênios, debruçamo-nos sobre as *cinco urgências da ação evangelizadora*⁴. Elas não abarcavam a totalidade do que a Igreja faz para o bom cumprimento de sua missão. Eram, contudo, o esforço de priorizar algumas atitudes sem as quais não seria possível dar os passos que o

⁴ DGAE 2011-2019: Igreja em missão permanente, casa de iniciação à vida cristã, lugar de animação bíblica, comunidade de comunidades e serviço à vida plena para todos.





Documento de Aparecida indica para todo o continente e que, por meio do Papa Francisco, foram alargadas para mundo todo. As urgências desejaram ser o modo como, no continente, se concretizou o desafio de “recomeçar a partir de Jesus Cristo, sem dar coisa alguma por pressuposta ou descontada” (DAp 549). Já, portanto, nas conclusões de Aparecida, se insistia na radicalidade missionária do atual momento evangelizador, convocando-nos a *inculturar* nossa ação evangelizadora em um contexto que já não era mais o mesmo de algumas décadas atrás. Daí a insistência na pergunta se terá sido a força milenar da pastoral de conservação a nos conter diante do impulso de tomar algumas decisões e, mais ainda, de as colocar em prática. Terá sido a presunção de que a transmissão da fé e o encontro com Jesus Cristo ainda se dão por meio de instituições, dentre as quais a família, a ponto de se poder pensar a ação evangelizadora em termos de consequências, dentre as quais a da ação sociotransformadora?

Sinodalidade e missão

6. Chegamos, desse modo, ao cerne dos desafios evangelizadores de nosso tempo. Este é um tempo que exige boa dose de discernimento no sentido de nos indagarmos até que ponto estamos cientes de que os mecanismos tradicionais para a transmissão e a manutenção da fé já não possuem o mesmo vigor de outras épocas. Este é um tempo em que uma virada diametral faz com que, na vivência do cristianismo, o predomínio tenda a se tornar mais uma espécie de consumismo individualizado do que a entrega da vida por fraternidade, reconciliação, justiça social e opção solidária com os fragilizados, entre os quais se inclui a casa comum. Sabemos que o Espírito não deixa de suscitar profetas para todos os tempos e lugares. Importa identificar onde eles estão e se este lugar tem encontrado força suficiente para que





sejamos uma igreja incidente? Por onde, enfim, começar? O que nos indica o discernimento?

7. Nosso tempo vive uma espécie de ambiguidade estrutural. Ao mesmo tempo em que afirma o direito à diferença, à diversidade como inegável consequência da valorização de cada individualidade, ele não tem conseguido construir relevantes pontes, caminhos de diálogo para que as diferenças se coloquem em comunhão, em diálogo, em mútua interpelação. As diferenças apenas se justapõem ou, conforme vimos crescentemente sentindo, se esbarram, com o risco de ingressarem em contendas. Daí a força das imagens utilizadas pelo Papa Francisco a respeito dos muros e das pontes. Ao mesmo tempo em que é chamada a questionar um mundo de uniformidade, em que a diferença recebe avaliação negativa porque desestabilizadora, a ação evangelizadora de nosso tempo é urgentemente vocacionada a contribuir para a superação dos mecanismos por meio dos quais a afirmação da identidade, da diferença e da diversidade acabam se tornando empecilhos à comunhão. Em termos evangélicos, a diferença enriquece e nos ajuda a lembrar que realidade alguma, pessoal, social ou cultural, esgota o mistério de Deus. Importa, desse modo, não passar de um horizonte sociocultural de predomínio do único em um mundo que se compreende uniforme, para um mundo com tantas afirmações de identidade, cada uma com o desejo de totalidade, que a convivência se torne desafiada e até mesmo inviabilizada, em que as narrativas, por mais esdrúxulas que sejam, passam a adquirir força de dogma.
8. É por isso que se faz necessário afirmar que, em tempos de individualização polarizante, autossuficiente e belicosa, é preciso integrar profetismo e *sinodalidade*. O fato de ainda estarmos aprendendo a lidar com a sinodalidade, a entender o que ela significa, somos desafiados a





continuamente nos desvencilhar das armadilhas oriundas das polarizações que condicionam a validade da sinodalidade ao atendimento pautas específicas. Por isso, não podemos cair na inércia de não avançar na sinodalidade, mantendo-nos na priorização da pastoral de conservação, na consideração de que a busca por justiça socioambiental é tranquilamente compreendida como consequência da adesão ao Evangelho e que igrejas cheias impliquem automaticamente incidência sociocultural.

9. Por isso, aos nos referirmos à sinodalidade, não é exagero dizer que ainda estamos diante de um conceito em construção, mais do que uma compreensão consolidada, um consenso tranquilo. Estamos diante de um princípio norteador de tudo que viermos a realizar. Estamos bem mais diante de um elemento positivamente provocador do que de uma lista de preceitos normativos a serem cumpridos. Ou a sinodalidade é acolhida como base comum para as diversas tendências contemporâneas de espiritualidade e pastoral, ou não a teremos compreendido, com o risco de deitarmos fora uma significativa chance que o Espírito tem dado à Igreja. Trata-se – e aqui chegamos ao cerne do que já está consolidado em termos de sinodalidade – de uma inversão desafiadora, pois já não se trata de partir do conflito, das diferenças e dos embates, mas de considerar que, apesar dos conflitos, das diferenças e dos embates, o que deve predominar é a comunhão. Daí a importância do método da *conversa no Espírito*, que acompanhou as fases do último sínodo, chegando até o último consistório, realizado no início deste ano. Muda-se o método porque se transforma também a perspectiva. Em um mundo em que o uso da força - física, psicológica, comunicacional e mesmo armada - se tem mostrado como critério de vida, ainda que nitidamente marcada por insanidades, a Igreja é urgentemente vocacionada a viver a sinodalidade em seus processos e em suas estruturas. Ainda que implantar as





conclusões do último sínodo signifiquem um caminhar longo e algumas vezes lento, passos precisam ser dados.

10. Por tudo isso, não é demais insistir na passagem da pastoral chamada de conservação para uma ação evangelizadora de perfil eminentemente missionário. Se, ao longo da história, a Igreja nunca deixou de ser missionária, essa mesma missão adquiriu perfis próprios conforme o tempo e o lugar. Esta foi a base a partir da qual o Papa Francisco diferenciou as duas dimensões da missão, a paradigmática e a programática. O importante é que essas duas dimensões não sejam compreendidas como justapostas, mas, ao contrário, como mutuamente interpelativas. O princípio paradigmático impulsiona a Igreja a continuamente rever a dimensão programática, evitando cair quer nas repetições de formas passadas, por mais milenares que sejam, quer em criatividade algumas vezes assustadoras. O fato é que o tempo da missão é o hoje e o lugar da missão é o aqui. Passa-se de uma concepção predominantemente centrada na *plantatio ecclesiae* para uma perspectiva que, gerando fascínio pelo testemunho, suscite a indagação pelos motivos, gere o anúncio e edifique comunidades, sejam estas territoriais ou ambientais (EN 15). E, em tudo isso, a missão se torne *querigmática*, como há muito tempo não se experimentava no cotidiano evangelizador. Em tempos, portanto, de reconfiguração programática da missão, querigma também é profetismo.

O impacto e da proximidade e suas estruturas

11. Desse modo, o ponto de partida da missão é o testemunho de presença, proximidade e escuta. Com essas ou outras palavras, a segunda marca de qualquer espiritualidade e missão de nosso tempo deve ser aquela que se resume ao redor da palavra proximidade. O distanciamento gera o estranhamento. Por sua vez, o estranhamento gera a desconfiança, a





desconfiança gera a inimizade e, em consequência, o conflito, os julgamentos e as acusações encontram terreno fértil para crescerem frondosamente. Quando, em fevereiro de 2022, abriu o Simpósio Internacional “Por uma teologia fundamental do sacerdócio”, o Papa Francisco acabou ratificando para nosso tempo um princípio cristão basilar: o da proximidade, princípio já indicado antes na *Evangelii Gaudium* (por exemplo: EG 171). Assim como o Verbo se fez carne e armou sua tenda entre nós, também a Igreja, na atual compreensão da missão, deve pensar suas estruturas com localização e flexibilidade tais que sejam efetivamente próximas de pessoas, grupos e povos, em especial em suas dores e perplexidades. Ao Deus ternamente próximo, deve indispensavelmente corresponder uma Igreja próxima. A Boa Nova para nossos dias haverá de ser a superação dos entraves a que a má compreensão das diferenças possa conduzir. Afinal, mesmo que todos os influencers nos pudessem dizer “divide e impera”, a fé no Deus feito homem em tudo, exceto no pecado nos está continuamente a dizer: aproxima-te, rebaixa-te, esvazia-te, convive, acolhe, contempla, escuta. O desafio pastoral será o de transmitir a fé a partir desta base kenótica, possibilitando experiências fortes o suficiente para agir contra a corrente.

12. Não é de hoje que ouvimos dizer que, em sua volta, o Senhor Jesus haverá de encontrar sua Igreja certamente reunida talvez, porém não unida. Este comentário só pode ser compreendido no contexto de crítica à burocratização da ação evangelizadora, pois reunir é uma forma de concretizar a união. Sem estar juntos, presencialmente juntos, não há como falar em comunhão ou em comunidade. Essa é uma das marcas da Igreja nascente e, mais ainda, de toda a história da salvação. A união dos cristãos e cristãs era o fato distintivo da novidade do cristianismo como um grupo distinto dos diversos existentes no judaísmo do tempo de Jesus (At. 2,42). A reunião dos





cristãos é o sinal da presença do Ressuscitado (Mt 18,20) e a ausência faz emergir condições de verificabilidade que não condizem com o Evangelho (Jo 20,24-29). Por isso, uma das grandes indicações para a Igreja é exatamente a de se reunir conforme o costume, em uma indispensável atitude de encorajamento mútuo (Hebreus 10,25). Afinal, embora muitos, formamos um só corpo (Rm 12,4-6), na unidade do Espírito (Ef 4,2-6). Este reunir encontra-se em linha de continuidade com uma das experiências centrais do povo de Deus no Antigo Testamento, chamado a se reunir para ouvir a voz de Deus e seguir em frente (Nm 10,1-5; 1 Sm 10,17-18). Em tudo, é muito agradável viver em união [Sl 133 (132),1] e ser igreja é ser *qahal*.

13. Este dado bíblico paradigmático exige da Igreja uma atenção contínua para que programaticamente concretize a experiência de comunidade, sem a qual a experiência do Deus da Revelação, Deus Trindade, Deus-Comunidade, deixa de encontrar sua mediação por excelência. Ao Deus Comunidade chegamos, portanto, pela experiência de comunidade, com todas as possíveis configurações que as experiências comunitárias possam ter. E, como comunidade implica convívio, relacionamento e resiliência, entre outros aspectos, toda cautela é pouca quando se aplica, sem mais, o termo comunidade a experiências virtuais. Se, por um lado, há liberdade para que pessoas e grupos atribuam palavras antigas a situações novas, por vezes as resignificando, por outro, não se pode negar que, ao se falar de comunidade, vivemos um tempo de forte polissemia. Um mesmo termo passa a reunir sentidos até mesmo opostos, com o risco de que esses sentidos sejam equiparados e avaliados como possibilidades de igual valor.
14. Para o mundo da comunicação, uma comunidade pode-se lato sensu se construir por meio da mediação tecnológica, não sendo necessária a presença física de seus membros. Para o Evangelho, uma comunidade se





constrói por meio exatamente da presença física, da proximidade, concretizada no convívio contínuo, na escuta e no apoio entre outros aspectos. Um tipo de comunidade não substitui o outro, pois as comunidades virtuais possuem valor evangelizador importante na medida em que, falando a linguagem e utilizando espaços de nosso tempo, podem se tornar caminhos para o estímulo de comunidades fisicamente presenciais. Não se trata, portanto, de equiparação e muito menos de substituição. Deixar de investir em comunidades fisicamente presenciais implica abrir mão de uma mediação irrenunciável para a experiência cristã.

Novos espaços e novas mediações

15. Nesse sentido, convém recordar que **nosso tempo se caracteriza, entre outros aspectos, por uma forte crise de mediações socioculturais**. Isso acontece porque muitas mediações que antes organizavam a vida social, cultural e simbólica se enfraqueceram ou se fragmentaram. Essas mediações são os espaços, as instituições, as linguagens e as práticas que, conectando o indivíduo à sociedade e ao sentido coletivo, ajudam-nos a interpretar a realidade e com ela interagir, traduzindo valores em normas de vida. Os exemplos mais conhecidos são a família, a escola, as igrejas e as associações. Estas mediações funcionam como tradutoras ou simplificadoras do mundo, fornecendo chaves de leitura, critérios de julgamento e de pertença. Em um contexto de forte individualização, com o contínuo bombardear de informações como corrupção, tendenciosidade, manipulação e, no caso religioso, do envolvimento de ministros em escândalos ligados, por exemplo, ao sexto e ao sétimo mandamentos, está montada a arena para a crise de mediações e o indivíduo acaba se encontrando diretamente exposto à complexidade do mundo, sem filtros estáveis.





16. A esse aspecto soma-se a reconfiguração do espaço num mundo cada vez mais globalizado e urbano. Nesse contexto, o espaço deixa de se organizar segundo uma lógica centrípeta e estática, passando a assumir um caráter cada vez mais centrífugo, móvel e mutável. Em termos de ação evangelizadora, isso se torna mais agudo quando se observa a questão das paróquias territoriais, assunto já tão mencionado, porém nunca efetivamente enfrentado. A questão aqui não é a de ser ou não paróquia ou de se substituir paróquia por algum outro tipo de configuração eclesial, mas de se perceber que, subjacente ao termo paróquia, existe uma condição cristã irrenunciável, a saber, a “comunidade estavelmente constituída” (Cânon 515, § 1º), o que, insistindo, não significa vinculação a um território físico. Se, “via de regra, a paróquia é territorial”, isso não pode ser entendido como configuração dogmática e excludente de outras configurações. E essa questão se torna ainda mais aguda nestes tempos de reconfiguração do conceito de território, exigindo da ação evangelizadora uma veemente distinção entre territorialidade e pertença. Esta última, a pertença, é critério teológico irrenunciável. Já a territorialidade física é um modo de concretizar a pertença. Enquanto a pertença tem que necessariamente existir, a territorialidade física pode ser um caminho para a pertença ou não. Aqui voltamos à questão das paróquias (territoriais), dos movimentos e das novas comunidades, por meio da qual somos chamados a perceber que a realidade ultrapassou a teoria, a novidade arrebentou com o costume.
17. Consequentemente, duas atitudes devem ser evitadas. A primeira diz respeito ao apego sacralizante de configurações que, tendo dado certo em outros momentos da história, encontram agora dificuldade para dialogar com um mundo bem mais complexo, repleto de pluralidade, mobilidade e individualização. Daí o chamado à coragem, como tão reiterado por





Aparecida, de “abandonar estruturas ultrapassadas que já não favoreçam a transmissão da fé” (DAp 365). A segunda atitude diz respeito a evitar a tentativa de querer enquadrar toda a vivência da fé em uma única forma, de antes ou de agora, o que é uma atitude contraditória e não dialogal em face a um mundo eminentemente plural. Podemos nos identificar com uma ou outra configuração. No entanto, não podemos querer que o mundo, por mais dilacerante que seja em sua complexidade e pluralidade, volte a ser o mundo simples de antanho. O engessamento na uniformidade leva ao distanciamento. Inculturar-se nesse mundo implica aceitar que ele é plural, diversificado, exigindo, portanto, formas plurais de configuração. Nesse sentido, as uniformizações, tenham elas a forma que tiverem, são exculturadoras, no sentido de distanciarem o anúncio do Evangelho de uma base cultural profundamente marcada pela pluralidade.

18. Em consequência, a ação evangelizadora de nosso tempo é chamada a gerar condições para que novas formas de configuração das mediações socioculturais e eclesiais emergjam com o esperado vigor. É aqui, portanto, que surgem as pequenas comunidades, tenham elas o nome que vierem a ter. Em um mundo marcado, entre outros aspectos, pela virtualização das relações, impõe-se a tarefa de resgatar a presencialidade do convívio, sustentada por vínculos próximos, cumplicidade existencial e formas de conhecimento recíproco que transcendam a mediação de perfis ou avatares. Não é sem sentido que nos impressionemos com algumas experiências religiosas de pequenos grupos que, com base na experiência neopentecostal, se reúnem em pequenas igrejas, com nomes diferenciados. Em lugar de, movidos por julgamento, nos perguntarmos por qual razão se juntam se nada possuem, enquanto possuímos tudo, talvez devamos reconhecer que possuem a conexão vital, base para todo o resto. Tais grupos não pressupõem conexão





vital. Eles a constroem, algumas vezes, é fato, levando-a ao extremo dos fanatismos. Se desejamos, portanto, dialogar com um mundo altamente plural, precisamos reconhecer que a questão relativa à configuração eclesial não está em ser paróquia, movimento ou nova comunidade. Estas são formas de lidar com jeitos distintos de territorialidade. A questão maior está em outro fator sem o qual as novas territorialidades não serão efetivamente acolhidas em estruturas sinodais. Trata-se da configuração em pequenas comunidades, uma exigência, portanto, para as paróquias territoriais ou ambientais, para os movimentos e as novas comunidades, pois a estrutura em pequenas comunidades é uma exigência transversal de um contexto plural e individualizante.

19. Essa foi a intenção de DGAE anteriores ao utilizar a expressão *comunidades eclesiais missionárias*. Não se estava ali criando outro termo ou forma alternativa a qualquer tipo de configuração eclesial. Esta expressão quis ser aglutinadora de uma variedade de configurações caracterizadas por pequeno número de pessoas a ponto de se gerarem vínculos existenciais (comunidades), alimentadas pelo Evangelho concretizado na escuta da Palavra, na oração e nos sacramentos (eclesiais), abertas à solidariedade socioambiental transformadora e ao anúncio da Boa Nova do Reino de Deus (missionárias). É possível que alguém tenha entendido essa expressão somente como um novo nome, uma novidade no mercado das produções religiosas, esquecendo-se, porém, que a simples mudança de nomenclatura não altera a realidade. Pode até ser um dos primeiros passos, nunca, entretanto, o único. Se for necessário utilizar outro nome, que assim se faça. Importa que tenhamos a coragem de buscar e incrementar configurações eclesiais que sejam capazes de gerar e sustentar vínculos humanos que gerem referências, apoios em um mundo com sustentos frágeis. Importa falar a partir de dentro das





experiências humanas e, nessa inteligibilidade, ajudar a encontrar, acolher, vivenciar e transmitir o mistério.

20. Chegamos, assim, a outro problema delicado em nosso tempo é o da ministerialidade, pois a multiplicação de espaços eclesiais exige automaticamente ministros para a animação ou condução das pequenas comunidades e para os diversos serviços que surgem de acordo com o amadurecimento interno e a abertura missionária ao entorno. É aqui que surge a já mencionada sinodalidade enquanto convite à diversificação ministerial, com a valorização do sacerdócio batismal e a compreensão do ministério ordenado como o carisma da síntese, da comunhão e da articulação dos diversos serviços e ministérios.

Com a Palavra de Deus, a liturgia e a piedade popular

21. Como critério indispensável para a alimentação das pequenas comunidades, junto, por certo, com a oração e os sacramentos, encontra-se a Palavra de Deus. O Brasil é grato aos inúmeros grupos ou círculos bíblicos, que tanto têm ajudado a fazer uma experiência fundamental no discipulado: a conexão entre a fé e a vida, por meio da Palavra. Trata-se de ler comunitariamente a Palavra de Deus e entender que, *mutatis mutandis*, ali se cumpre a Escritura que acabaram de ouvir e partilhar. Sabemos que a Bíblia serve para o que desejamos, inclusive para justificar posturas exatamente contrárias a ela. Por isso, é tão importante conectar o texto à comunidade, fazendo da vida em comunidade o critério de compreensão do texto, no caminho do discipulado que é comunhão, acolhida, convívio, comunidade. Em consequência, as comunidades eclesiais de nosso tempo são chamadas a crescerem concomitantemente no convívio iluminado pela Palavra de Deus e no





contato com a Palavra de Deus iluminado pela vida em comunidade. Uma e outra estão intrinsecamente ligadas.

22. Como seres humanos, somos seres de linguagem, ou seja, precisamos expressar aquilo que vivenciamos. E, na medida em que expressamos o que experimentamos, a própria experiência cresce. Com isso, outro desafio urgente de nosso tempo consiste no discernimento de uma linguagem apta a manifestar o que se está vivenciando. Em termos de fé, a linguagem por excelência é a da liturgia e, com ela, a da piedade popular. Não se trata aqui de menosprezar a liturgia considerando-a apenas uma linguagem, mas de a considerar também uma linguagem, um idioma especial e mesmo único para manifestar o Mistério e dizer o significado da relação com ele no dia a dia. Viver a liturgia é crescer na relação com o Mistério de Deus, mas também no significado desta relação para o sentido da vida de pessoas e comunidades. O mesmo vale para a piedade popular. É a linguagem que transcende o humano, que não se faz presente nas demais relações, que busca e, quando encontra, expressa a desejada e necessária unidade da existência. É a experiência do fascinante e também do assustador que arranca das dores do cotidiano e faz caminhar de esperança em esperança.
23. Esta foi a razão pela qual, em análise de conjuntura eclesial anterior, o INAPAZ manifestou preocupação contextual com algumas tendências contemporâneas de espiritualidade de combate. Embora seja altamente compreensível que se deseje ordem e paz em um mundo caótico, isso não pode significar que o combate ultrapasse os limites do enfrentamento e da vitória especificamente sobre o pecado, passando a valer também e principalmente para quem compreende a vida de modo diferente. O fato é que vivências e linguagens se retroalimentam e não é pequeno o risco contextual de estarmos, com uma overdose de devoções da vitória, da





prosperidade e, mais recentemente, do domínio, alimentando um mundo já tão repleto de sequelas desumanizantes.

Teologia, pastoral e espiritualidade retróticas?

24. Nosso tempo tampouco é um tempo para retorno a conceitos que, embora corretos teologicamente, não carregam em si dose de espiritualidade e força existencial. Ou a teologia se faz espiritual e pastoral ou corre o risco de, mesmo perfeita, tornar-se semelhante a uma equação matemática: correta, porém necessitando de ajuda para ser colocada na vida. Consequentemente, a atual ação evangelizadora é chamada a evitar mais outros dois perigos. Em primeiro lugar, o perigo de cair na tentação do sucesso das redes sociais, migrando de cheio para o devocionismo já mencionado. Em segundo lugar, retrair-se para um conceitualismo correto teoricamente, porém incapaz de alimentar a vida, dar-lhe sentido e paz. Por isso, somente na vida das pequenas comunidades, alimentadas pela Palavra de Deus, lida sob a ótica da formação comunitária, da perspectiva do Deus do Povo, que, exatamente por ser Deus do Povo, quer a todos como povo, é que a ação evangelizadora vai dialogar com o mundo que aí está, sem se deixar cooptar por ele nem se distanciar gnóstica ou maniqueisticamente dele. Na perspectiva de um idioma comum a esse mundo complexo e plural, a piedade popular age como a língua rasa que permite o diálogo e, por meio dele, a convivência e o sentido da vida. Afinal, não é esse o milagre que impulsiona a Igreja: ouvir falar das maravilhas de Deus na própria língua? (cf At 2,11) Importa que esta linguagem tão pastoral e a reflexão teológica da Igreja à luz do Vaticano II estejam em contínua e crescente consonância.





A crise de mediações e a transmissão da fé em um mundo plural

25. A mesma crise das mediações socioculturais coloca a ação evangelizadora diante de uma necessidade urgente: a de pensar e concretizar formas explícitas de iniciação à vida cristã. Se em outras épocas as grandes instituições eram ao mesmo tempo transmissoras dos valores socioculturais, os atuais processos de secularização arremessaram sobre as costas do indivíduo a responsabilidade de transmitir a si mesmo o que ele não tem. Ele o faz selecionando do amplo espectro de ofertas religiosas o que lhe convém. Com isso, uma das experiências cristãs mais importantes corre o risco de desaparecer. Trata-se da acolhida do dom gratuito de Deus, pois ninguém se torna cristão por uma escolha, senão pela adesão a uma oferta que se tornou fascínio ⁵. Esta é a razão pela qual já faz algum tempo que a iniciação à vida cristã se tornou outra das grandes urgências, prioridades ou caminhos da missão. Sem ela, as pequenas comunidades correm o risco de se tornarem guetos; o compromisso socioambiental, de se tornar embate ideológico; o contato com a Palavra de Deus, de se tornar manipulado em vista de outros interesses; a prática religiosa, formação de grupos neognósticos e maniqueístas. Recordando, portanto, tudo que se tem dito a respeito da iniciação à vida cristã no Brasil, este é um tempo de catecumenato explícito, contínuo, recorrente, processual e de permanente reinício (cf Oseias 2,14-15).
26. Por fim, uma questão sobressai e com destaque. Trata-se de entender o modo como se convive em ambientes plurais, multiculturais e com referências porosas. Sabemos que duas são as tendências mais fortes e elas o são exatamente por serem extremas. De um lado, uma espécie de irenismo indiferente para o qual tudo é válido desde que satisfaça o indivíduo no momento em que este mesmo indivíduo se encontre. De outro, um perfil

⁵ Bento XVI, Deus Caritas est 16. DAp 12





fundamentalista, às vezes com raias de fanatismo, que, no desespero de encontrar sentido em um mundo complexo e ambíguo, empenha-se por buscar a todo custo reduzir as complexidades, tentando ilusoriamente construir uma terra sem males já aqui e agora. No primeiro exemplo, temos uma espécie de vale-tudo, já presente em algumas manifestações religiosas bem adaptadas ao atual mundo individualizado e mercantilizado, desafiadoras, portanto, de nossa capacidade para o ecumenismo e o diálogo interreligioso. No segundo caso, temos diversos exemplos que transitam entre o mundo religioso, o político e o comercial. Esses dois exemplos nos levam a indagar se não existe uma terceira via. Esta via nós a encontramos, como já indicado antes, na sinodalidade enquanto geradora de eventos, processos e estruturas de convivência entre os diferentes.

O sinal da solidariedade

27. Junto com a consideração da urgente reconfiguração da experiência eclesial, com pequenas comunidades, fecundas nos serviços e ministérios, no contato com a Palavra de Deus, os sacramentos e a piedade popular, faz-se necessário destacar a questão da incidência, sob o risco de nossa ação evangelizadora se tornar autorreferencial. Se nos questionamos tanto a respeito da vocação da Igreja a ser sal e a fermento, se nos preocupamos bastante com a inversão do processo, no sentido de nos estarmos deixando influenciar mais do que incidir, importa que estejamos atentos a não pensarmos somente em reconfigurações internas. Afinal, não bastam reformas interiores se não forem em vista da missão, como nos lembrou o lema do último sínodo, que inseriu ao lado de *comunhão* e *participação*, o desafio da *missão*. E esta abertura ao mundo possui uma base a partir da qual se pode não apenas testemunhar a peculiaridade e a relevância do Evangelho, mas também construir pontes para o diálogo com os diferentes. Este critério nós o





encontramos na sensibilidade à vida em todas as suas formas, desde a concepção até a morte natural, passando, como atualmente se tem discernido, pela ecologia integral, nos termos da *Laudato Si* (LS 53). Da vida em comunidade, recolhemos a fraternidade, vocacionada a ser mais forte que os laços de sangue (Lc 11,27-28). Isso se aprende ao longo de toda a vida, em um processo de contínuo regresso ao fundamental da Revelação, que é o amor gratuito de Deus (1Jo 4,19; Rm 5,7-9; Ef 2,8-9). Esse processo ocorre pelo convívio iluminado pela Palavra de Deus e alimentado na oração, na vida sacramental e na piedade popular. Da soma de tudo isso, decorre um irrenunciável compromisso pela vida, de modo especial pela vida fragilizada, conforme a compreensão da igreja latino-americana se expressou há quase cinco décadas em Puebla: a opção preferencial pelos pobres. No início desta análise, se recordava o risco de não incidência social de algumas concretizações de nossa ação evangelizadora. Ocorre que a ausência de incidência sociocultural não é neutra, pois o fato de permanecer parado enquanto a outra pessoa avança não significa manter a distância no mesmo patamar, mas, ao contrário, permitir, pela inércia, que a distância aumente. Por isso, respeitada diversidade, em uma Igreja escola de diálogo, acolhimento e sinodalidade, torna-se necessário distinguir entre convívio no pluralismo de anomia, nihilismo ou mesmo permissivismo. O pluralismo se constrói sobre algumas bases comuns. Já o Concílio de Jerusalém indicava a abstenção de carnes imoladas e da fornicação (At 15,29). Pluralismo sem base comum é negação da comunhão. Em sentido inverso, pluralismo vivido em chave de sinodalidade exige algumas bases comuns, ainda que concretizadas em diversos modos. Em termos de incidência sociocultural, essa base comum se expressa destacadamente no serviço à vida, em especial a vida fragilizada nas suas mais variadas formas.





28. A fé no Ressuscitado nos leva a um compromisso radical com a vida e à inaceitação seja lá do que for que agrida a vida em nome do respeito à diferença, à pluralidade. Reconhecendo que existem níveis de engajamento e contribuição para a preservação da vida em todas as suas instâncias, há de se afirmar que o caminho da ação evangelizadora da Igreja no Brasil implica necessariamente concretizar o compromisso com a vida.

Uma preocupação constante

29. Diante das profundas transformações do ethos religioso contemporâneo, marcadas pela individualização da fé, pela fragmentação das pertencças religiosas (eclesiais) e pela crise das mediações tradicionais, a Igreja no Brasil é chamada a um discernimento corajoso. O cenário atual não permite a mera continuidade de modelos pastorais de conservação, nem respostas baseadas nas clássicas repetições de formas que já não comunicam sentido. O apelo do Documento de Aparecida não perdeu seu vigor profético: nosso tempo nos impõe uma conversão missionária que una profetismo e sinodalidade, presença e escuta, anúncio e proximidade.
30. Nesse horizonte, a comunidade cristã reaparece como mediação insubstituível da experiência de fé, não como conceito genérico ou virtualmente diluído, mas como espaço concreto de convivência, vínculos, partilha da Palavra, celebração/liturgia/devoções e diaconia constante. Pequenas comunidades, plurais em suas configurações e ricas em ministérios, revelam-se lugar privilegiado de iniciação, amadurecimento e sustentação da vida cristã em um mundo dinâmico, polarizado e carente de sentido.
31. Ao mesmo tempo, a renovação das formas eclesiais não pode fechar-se sobre si mesma. A autenticidade da ação evangelizadora se verifica em sua incidência solidária na história, especialmente no compromisso com a vida em todas as suas expressões e fragilidades. Comunhão, participação e missão





não são dimensões justapostas, mas dinamismos que se interpenetram e encontram sua coerência no seguimento de Jesus Cristo, cuja proximidade misericordiosa continua a ser critério, método e conteúdo da evangelização. Assim, mais do que propor estratégias, o momento presente convoca a Igreja a reencontrar o essencial: caminhar juntos, escutar o Espírito, gerar vínculos de fraternidade e testemunhar, em meio às ambiguidades do tempo, a esperança que nasce do Evangelho vivido em comunidade e colocado a serviço da vida.

32. A elaboração e aprovação de DGAE são expressões do compromisso evangelizador da Igreja no Brasil. Desde o Plano de Emergência, em um contínuo processo de aprendizagem e fidelidade ao momento vivenciado, já se vão algumas décadas de escuta, diálogo e discernimento. Trata-se de uma história de ricos documentos, subjacentes aos quais estão vidas, gente que sonha, que luta e que se entrega, algumas vezes até o martírio. Assim tem sido a história da Igreja em nosso país. Importa, conseqüentemente, que as DGAE não fiquem apenas como documentos, a ocupar espaços em nossas gavetas, a enfeitar nossas estantes, sem que a ação evangelizadora seja efetivamente impulsionada. Importa que tenhamos a capacidade de recolher o que juntos discernimos e, com coragem, garra, ousadia e confiança, colocarmos em prática, ultrapassando a tentação da inércia e do apego ao resultado mais imediato ou ao que deu certo em outros momentos.

